

OS POEMAS E OS HINOS ESCOLARES NO ENSINO PRIMÁRIO PARAENSE: DIFUNDINDO O SENTIMENTO REPUBLICANO (1904-1905)

*LOS POEMAS Y LOS HIMNOS ESCOLARES EN LA ENSEÑANZA PRIMARIA
PARAENSE: PIFUNDIENDO EL SENTIMIENTO REPUBLICANO (1904-1905)*

*THE POEMS AND SCHOOL ANTHEMS IN THE ELEMENTARY SCHOOLS OF
PARÁ: SPREADING REPUBLICAN SENTIMENT (1904-1905)*

Mário Allan da Silva LOPES¹

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza AVELINO DE FRANÇA²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os poemas e os hinos escolares que eram utilizados na educação escolar republicana paraense como difusores do pensamento republicano. Foram utilizadas como fontes os poemas “O credo”, “A casa” e “A Pátria” de Olavo Bilac (1904), “A Instrução” de Fernandes Bello (1904), “Anjo Enfermo” de Affonso Celso Junior (1905) e “Bons Conselhos” de Octaviano Mello (1905), além dos hinos escolares “A Marselheza do Estudo” de Raymundo Bertoldo Nunes (1904), “Hymno ao Estudo” de Guilherme de Miranda (1904), “Hymno do Grupo Escolar José Veríssimo” de Antonio Macedo (1905) e o “Hymno Escolar” de Theodoro Rodrigues (1905). O aporte teórico assenta-se em Souza, R. A. (2014), McLaren (1991), Santos (2018) e Lopes (2018), autores que contribuíram para compreender a educação na Primeira República, bem como o sentimento de patriotismo em circulação à época. Verificou-se que as poesias e hinos escolares contribuíram para difundir entre as crianças o sentimento republicano de amor pela pátria e de luta pelo desenvolvimento intelectual. Portanto, considera-se assim que na primeira república foram utilizados diferentes artifícios para trilhar o caminho do alunado nos moldes da civilidade e do bom moralismo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesias escolares. Hinos escolares. Ensino primário. República. Pará.

RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo analizar los poemas y los himnos escolares que eran utilizados en la educación escolar republicana paraense como difusores del pensamiento republicano. Fueron utilizadas como fuentes los poemas “O credo”, “A casa” y “A Pátria” de Olavo Bilac (1904), “A Instrução” del Fernandes Bello (1904), “Anjo Enfermo” de Affonso Celso Junior (1905) y “Bons Conselhos” de Octaviano Mello (1905), además de los himnos escolares “A Marselheza do Estudo” de Raymundo Bertoldo Nunes (1904), “Hymno ao Estudo” de Guilherme de Miranda (1904), “Hymno do Grupo Escolar José Veríssimo” de Antonio Macedo (1905) y o “Hymno Escolar” de Theodoro Rodrigues (1905). El aporte teórico se asienta en Souza, R. A. (2014), McLaren (1991), Santos (2018), Lopes (2018), autores que contribuyeron para comprender la educación en la Primera República, así como el sentimiento de patriotismo en circulación en la época. Se verificó que las poesías e himnos escolares

¹ Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém – PA – Brasil. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6682-4633>. E-mail: marioallan19@yahoo.com.br

² Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém – PA – Brasil. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UEPA. Doutorado em Educação (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6974-2606>. E-mail: socorroavelino@hotmail.com

contribuyeron a difundir entre los niños el sentimiento republicano de amor por la patria y de lucha por el desarrollo intelectual. Por lo tanto, se considera así que en la primera república se utilizaron diferentes artificios para recorrer el camino del alumnado en los moldes de la civilidad y del buen moralismo.

PALABRAS CLAVE: *Poema escolar. Himnos escolares. Enseñanza primaria. República. Pará.*

ABSTRACT: *This article aims to analyze the poems and school anthems that were used in the Pará Republican school education as diffusers of the Republican thought. The poems "O credo", "A casa" and "A Pátria" by Olavo Bilac (1904), "A Instrução" by Fernandes Bello (1904), "Anjo Enfermo" by Affonso Celso Junior (1905) and "Bons Conselhos" by Octaviano Mello (1905) were used as sources, besides the school hymns "A Marselheza do Estudo" by Raymundo Bertoldo Nunes (1904), "Hymno ao Estudo" by Guilherme de Miranda (1904), "Hymno do Grupo Escolar José Veríssimo" by Antonio Macedo (1905) and the "Hymno Escolar" by Theodoro Rodrigues (1905). The theoretical contribution is based on Souza, R. A. (2014), McLaren (1991), Santos (2018), and Lopes (2018), authors who contributed to understanding education in the First Republic, as well as the feeling of patriotism in circulation at the time. It was found that school poems and anthems contributed to spread among children the republican sentiment of love for the motherland and the struggle for intellectual development. Therefore, it is considered that in the first republic, different artifices were used to guide the students in the path of civility and good moralism.*

KEYWORDS: *School poem. School anthems. Primary education. Republic. Pará.*

Introdução

O processo de institucionalização da escola pública primária no estado do Pará, no primeiro decênio da República, utilizou-se de muitos mecanismos que viessem somar às tentativas de alavancar a imagem que se pretendia construir em torno do novo regime. Entre esses mecanismos, destacamos a utilização de materiais impressos para o desenvolvimento da leitura de professores e crianças das escolas do estado. Esses impressos serviriam naquele momento como suporte na circulação do imaginário que se criara; este é o caso do impresso *A Escola*, criado especialmente como aliado do poder administrativo paraense.

Com efeito, [a Revista A Escola], nasce[u] e configu[rou-se] como um apoio à educação pública, sendo assim porta de entrada para a realização dos desejos de um grupo de intelectuais que as produziram e que viram na educação a ascensão do cidadão aproximada ao padrão de modernidade europeia. Tais intelectuais já demonstravam em suas páginas certa preocupação com a instrução dos futuros brasileiros, destacando assim uma instrução vinculada à cidadania política na Primeira República (SANTOS, 2018, p. 26).

Diante disso, analisaremos alguns poemas publicados nesta revista e em livros, como “A Pátria”, “A Casa” e “O Credo” de Olavo Bilac (1904), “A Instrução” de Fernandes Bello (1904), “Anjo Enfermo” de Affonso Celso Junior (1905) e “Bons Conselhos” de Octaviano Mello (1905).

É importante mencionar que os termos *poema* e *poesia* são diferentes. O primeiro refere-se a um gênero textual, com características próprias como os versos, a musicalidade, as metáforas. Já o termo poesia refere-se às manifestações artísticas, que nem sempre podem estar vinculadas a um poema. A poesia extrapola o texto, podendo estar manifestada em pinturas, músicas, esculturas, fotografias, entre outras³.

Também trabalharemos com os hinos escolares “A Marselheza do Estudo” de Raymundo Bertoldo Nunes (1904), “Hymno ao Estudo” de Guilherme de Miranda (1904), “Hymno do Grupo Escolar José Veríssimo” de Antonio Macedo (1905) e o “Hymno Escolar” de Theodoro Rodrigues (1905).

É fato que a República no Pará se constituiu de intelectuais de diversas áreas e atuações, que pensavam a política, a economia e a cultura paraense, cheios de ideários, percepções e valores, visualizados naquilo que produziam, como as poesias e os hinos escolares criados especialmente para o ensino, que ganhavam visibilidade nas páginas da revista *A Escola* e alcançaram um grande espaço na educação do futuro cidadão republicano.

Sobre as poesias voltadas para o ensino primário no estado nos anos iniciais do regime que se consolidava no Pará, chamou-nos atenção a frequência e visibilidade dada a esse tipo de produção não somente no cotidiano das salas de aulas, mas sobretudo nas cerimônias e festejos cívicos.

Mediante o exposto, elencou-se a seguinte questão: qual o papel dos poemas e dos hinos escolares no ensino primário no Pará? Com isso, trazemos como objetivo deste artigo analisar como a poesia e os hinos escolares eram utilizados na educação escolar republicana paraense como difusores do pensamento republicano.

Para isso, entendemos que os gêneros literários, entre eles o poema, constituiu-se como ferramenta da educação na construção do Estado nacionalista brasileiro na primeira república, visto que

As produções literárias, marcadas pelo sentimento nacionalista e moralista, se faziam presentes nas poesias e poemas. Essa influência nacionalista, regia inclusive a composição dos hinos escolares nas escolas paraenses, assim, todas

³ Conforme “Poesia, poema e soneto”. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/poesia-poema-soneto.htm>. Acesso em: 07 nov. 2021.

essas produções destacavam a educação como a fonte regeneradora para o progresso do país (SANTOS, 2018, p. 39).

Segundo Roberto Acízelo de Souza, a literatura expressa os sentimentos, os valores e a cultura, ou seja, as peculiaridades de uma nação e, além disso, essas peculiaridades estão ligadas ao tempo histórico em que esses textos foram pensados, escritos e lidos pelos sujeitos. Assim,

A configuração de seu objeto, portanto, parte de premissa central do romantismo: cada nação se distingue por peculiaridades físico-geográficas e culturais, sendo a literatura especialmente sensível a tais peculiaridades, do que deriva sua condição de privilegiada parcela da cultura, funcionando à maneira de um espelho em que o espírito nacional pode mirar-se e reconhecer-se. Senhora de um objeto assim tão estratégico para a sondagem e a identificação “caráter nacional”. [...] foi a única que se instalou ao lado de uma história que se poderia qualificar como geral (na verdade, de dominância política), nos currículos escolares, integrando assim os sistemas de educação cívica implantados nos vários estados nacionais (SOUZA, R. A., 2014, p. 58).

Sendo assim, este artigo se dividirá em dois momentos. Inicialmente, analisaremos alguns poemas escolares encontrados em publicações da revista *A Escola* (1904-1905) e que foram recitadas em uma festa no 5º grupo escolar. No segundo momento, analisaremos hinos escolares, bastante comuns naquele período e que também foram publicados na referida revista.

A poesia nos impressos pedagógicos

A educação era vista pelos governantes da República como um espaço de difusão do sentimento republicano, contudo, eram necessárias ferramentas para que esse sentimento fosse inscrito no imaginário que se construía em torno no novo regime. Para isso, o sentimento patriótico precisava fazer parte das vidas das crianças, e a escola era espaço propício para a disseminação de rituais que incluíam o uso de textos literários, destacando-se aqui os poemas.

Para McLaren (1991), os rituais possuem uma forma específica de atuação, visam à integração social ao desempenharem um papel significativo na formação da personalidade do indivíduo. Esse autor esclarece que os rituais podem inclusive se utilizar da linguagem codificada com o uso de textos, estabelecendo assim uma certa autoridade sobre aqueles que se apropriam dessas leituras. Além de poemas publicados na revista *A Escola*, também eram publicados livros de grandes intelectuais da época, pessoas que se destacaram e contribuíram para a formação das crianças, seja com livros sobre as disciplinas escolares, seja com livros de poemas, como é o caso de *Poesias infantis*, de Olavo Bilac.

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac⁴ nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu em 28 de dezembro de 1918; foi jornalista, poeta e inspetor de ensino. Suas produções poéticas enquadravam-se na escola literária francesa conhecida como Parnasianismo, que tinha algumas características marcantes, como o uso de palavras rebuscadas, rimas, poucas figuras de linguagem e se preocupava em olhar o mundo de uma forma mais objetiva, diferentemente do sentimentalismo do Romantismo.

[...] a constante preocupação com a língua, com a forma, com a técnica do verso; nenhum espaço para as emoções, para os sentimentos. No todo, certa elegância necessária, um distanciamento estudado, uma pose aristocrática de grande artista, tudo bem característico da estética parnasiana lançada por Leconte de Lisle (PEIXOTO, 2010, p. 110).

No entanto, o Parnasianismo brasileiro, representado principalmente por Olavo Bilac, veio com uma certa diferença do que fora proposto na França. Bilac trazia em seus textos algo que o aproximava das emoções e, de certa forma, isso acabou sendo aproveitado nas escolas primárias, visto que, ao mesmo tempo que se trabalhava a racionalidade advinda da modernidade, não se perdia as emoções que deveriam ser vividas pelas crianças da República:

Foi ele [Olavo Bilac] um dos que mais se afastaram da teoria parnasiana francesa, inclusive, [...] escrevendo uma paráfrase do decididamente antiparnasiano Baudelaire. Seu mais conhecido poema, por figurar em todos os livros didáticos, é “Profissão de fé”. Nele se vê ferido o princípio básico do Parnasianismo: a objetividade, a isenção pessoal. Se dissermos que “Profissão de fé” não contém elementos da grande arte parnasiana, estaríamos mentindo; aí vemos a preocupação com as rimas ricas, com o tom solene e nobre, com a palavra rara em busca de uma rara beleza antiga, com os muitas vezes artificiais enjambements. Entretanto, tudo isso se encontra, no poema, de certo modo subvertido por um poeta essencialmente lírico. A emoção e o entusiasmo do poeta sobrepuja [*sic*] a razão racionante, e Bilac deixa que seu eu domine todo o conjunto (PEIXOTO, 2010, p. 110).

O livro *Poesias infantis* teve uma grande aceitação pelos intelectuais paraenses; ganhou inclusive uma notícia veiculada na revista *A Escola* do ano de 1904 e escrita por Arthur Vianna (A ESCOLA, 1904, p. 182, grifo nosso):

Um bom livro

Recomendamos ao professorado paraense uma excelente obrinha destinada ao uso das escolas, intitulada – *Poesias infantis*. A feitura artística da obra é bôa, quer quanto a parte typographica, quer em relação ás gravuras illustrativas, impressas em uma só tinta, mas variando de coloração cada página.

⁴ Conforme “Olavo Bilac”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>. Acesso em: 21 dez. 2018.

Olavo Bilac era um poeta reconhecido no Brasil e muito respeitado pela intelectualidade educacional. Isso confirma o apreço que se tinha pela sua poesia e o papel dela no processo de ensino das crianças. Vemos na própria fala de Arthur Vianna o quanto esse livro contribuiria para a formação da criança, não só intelectual, mas também moral e patriótica, levando as crianças a amarem seu lar, seus pais, a humanidade, a pátria e os pobres:

Firma a sympathica obrinha o nome festejado de Olavo Bilac, o que por si só, vale uma recommendação especial. É preciso, entretanto, considerar que não basta ser um Bilac para produzir um trabalho bom neste genero pedagogico difficil, não seria mesmo de preferencia escolhido para elaborar tal livro grande e consagrado poeta, se lhe faltassem a orientação tecnica, por assim dizer, para conceber as idéas e explanal-as em versos simples ao alcance dos cerebros infantis. Uma obediência restricta aos preceitos da arte poetica, ou uma preocupação de apuro, desvirtuaria a obra, emprestando-lhe os defeitos de incompreensivo e maçante. Olavo Bilac, porém, empunhando a sua penna laureada, soube escolher os assumptos, soube tratá-los convenientemente, de modo a fazer vibrar os sentimentos affectivos da creança, fallando-lhe ao coração a linguagem terna do amôr pelo lar, pelos paes, pela humanidade, pela pátria e pelos pobres. É uma joia o livro, tão simples, tão bem cuidado, tão rico de vivificantes ensinamentos de moral (A ESCOLA, 1904, p. 182).

A moral era um ponto muito trabalhado nas obras do ensino primário. Nos poemas não seria diferente, porque era muito comum seu conteúdo orientar a boa conduta e moral, para que, assim, a criança estivesse cada vez mais vinculada, através de belas e rebuscadas palavras, ao sentimento patriota tão buscado pelo governo paraense e brasileiro.

A expansão da escola primária e o fortalecimento dos estados-nação, a partir de meados do século XIX, proporcionaram o crescimento da produção de livros escolares em vários países do mundo. Entre esses livros, aparecem os de leitura corrente, com narrativas que traziam lições de História, Geografia, e Ciências, mas, sobretudo, de Moral (COELHO, 2015, p. 195).

Um dos poemas que compunham o livro de Olavo Bilac chama-se “O credo”, que objetiva apresentar o sentimento republicano de amor, respeito e zelo pela pátria, para extrair das crianças sentimentos puros e verdadeiros, sem perder de vista o sentimento de “luta” que ela deveria ter para enfrentar o dia a dia (na escola, na rua, em casa).

O CREDO
Crê no Dever e na Virtude!
É um combate insano e rude
A vida, em que tu vaes entrar.
Mas, sendo bom, com esse escudo,
Serás feliz, vencerás tudo:
Quem nasce, vem lutar.

E crê na Pátria! Inda que a vejas,
Presas de idéas malfazejas,

Em qualquer epocha, infeliz,
- Não abandones! por que a Gloria
Inda has de ver numa victoria
Mudar cada uma cicatriz.

E crê no Bem! Inda que, um dia,
No desespero e na agonia,
Mais desgraçado que ninguem,
Te negas pobre e injuriado,
De toda a gente desprezado
Perdôa o mal! E crê no Bem!

E crê no Amor! Se pode a guerra
Cobri de sangue toda a terra,
Levanto a toda a assolação,
- Mas póde, límpida e sublime
Caindo sobre um grande crime
Uma palavra de perdão!
(BILAC, 1904, p. 112-113).

Arthur Vianna fez um elogio explicando um pouco do que ele mesmo absorveu da leitura do poema de Bilac. Palavras que expressam o sentimento do belo e de que a poesia alcança níveis de interação com as crianças capazes de influenciar e incitá-las a exaltar a pátria brasileira:

Não é bello? Sem descambar para os velhos moldes, antes enveredando pelas idéas modernas, apresenta o credo infantil em cinco palavras que encerram epopéas: o dever, a virtude, a patria, o bem e o amôr! Depois, apresentando ao menino a pátria e incitando-o a querel-a com amôr, como o fez tocantemente (A ESCOLA, 1904, p. 183).

Aí percebemos a importância da educação patriótica. Ela preocupava-se em formar, para além de profissionais e intelectuais, e para além das ciências, seres humanos moldados nas virtudes da república, compreendo uma formação moral, cultural e social:

Educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico-patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade (SOUZA, R. F., 2014, p. 119).

Outro poema que fazia parte do livro de Olavo Bilac tem como título “A casa”. Nesta poesia o autor traz à tona a questão da moral das crianças. Essa moral implicaria o respeito para com os mais velhos, o respeito pela casa (que também pode referir-se à pátria brasileira), e é

nesta casa que a criança deverá receber os bons exemplos, aprender a ser justa e meiga. A criança deve dar valor a sua casa, pois dela, um dia, estará distante:

A CASA

Vê como as aves teem, debaixo d'aza,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, creança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa, em que nascestes, és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e dos estudos!
Volta, quando voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,
Como a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo.
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde.
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lagrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, d'esta casa ausente...

E, já homem, já velho e fadigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E nas horas de chorar, lembrando o teu passado...
- Ama creança, a casa em que nascestes!
(BILAC, 1904, p. 116-117).

Os escritos de Olavo Bilac são um grande exemplo do conteúdo que circulava no período republicano, e isso era reconhecido por pessoas ilustres do governo da época. Valorizava-se a produção local, e, quando esta ia para as escolas, era muito bem recebida e apreciada pela comunidade educacional. Estes textos tinham o papel de acender nas crianças o fogo do patriotismo, que normalmente enraizava-se nas páginas dos livros daquela época. E, assim, a cada novo sucesso produzido, as notícias corriam soltas pelas páginas de revistas e jornais de renome:

São specimens estes das lições cívicas do livro, lições vibrantes que vão lançar nos pequeninos peitos a scentelha fecunda do patriotismo. A moral desdobra-se por todo o livro, em multiplas quadrinhas meigas e doces, poeticas, singelamente poetica. Auguramos ao novo livrinho um grande sucesso a que incontestavelmente tem direito e deixamos aqui registrada a confissão de que a leitura seguida e ininterrupta dos seus belos versos, arrebatando-nos aos tempos venturosos da nossa infancia, commoveu-nos até as lagrimas. Oxalá que em todo o vasto territorio da nossa patria, cada um dos nossos pequeninos compatriotas podesse manusear continuamente o mimoso catecismo de Olavo Bilac. Arthur Vianna (A ESCOLA, 1904, p. 185).

Em outra edição da revista *A Escola*, nº 58 de 1905, temos um poema intitulada “Bons conselhos”, de Octaviano de Mello⁵, no qual o autor cria uma personagem chamada Joãozinho, que aparentemente ainda é uma criança em idade escolar e sonha em ser um homem de muitas conquistas e glórias, desejando ser imortalizado pelos seus feitos:

BONS CONSELHOS
Um dia poz-se o Joãozinho,
Socegado a meditar
Qual seria o bom caminho,
Para glórias conquistar.

- Na guerra, diz, com fartura
Louros colher poderei,
E, marechal por bravura
Logo nomeado serei.

Meus feitos imorredouros,
Por toda a parte espalhados,
Pelos meninos vindouros,
Serão todos lembrados.

E assim, meu nome, na Historia,
Em letras de ouro gravado
Será exemplo de gloria
E civismo, ao povo dado.
(MELLO, 1905, p. 238-240).

É interessante a busca de Joãozinho por uma vida de glórias. Vemos que ele primeiramente imagina-se um soldado, uma das profissões que muito representa o amor à pátria e ao governo republicano. O soldado era aquele que lutava pelo Brasil e que com grandes feitos era reconhecido e imortalizado na memória dos brasileiros. No entanto, é uma profissão árdua e que, por muitas vezes, requer sacrifícios, para que assim sejam lembrados como heróis. Diante desse difícil caminho, Joãozinho continua a refletir:

Mas depois de refletir
Sobre o caminho encontrado,
Viu que devia partir
Da posição de soldado.

Achou-se a nobre, elevada:
Mas sentiu tal desalento,
Que logo a idéia arranjada
Varreu de seu pensamento.

- Escolherei, disse então
O nosso ex-marechal,

⁵ Dados sobre o autor não foram encontrados no momento da escrita deste artigo.

Outra carreira, onde não
Se encontre obstac'lo igual.

E poz-se, assim, á procura
De outro caminho a andar,
Onde tivesse a ventura
De a gloria logo encontrar.

Ninguem viu entrar na sala
(Tão distraído ficou)
E, perdeu até a fala,
Quando a maninha o abraçou.

Esta, com arte e carinho,
Num sorriso de encantar,
Pergunta ao seu irmãozinho:
- Em que estás, tu, a pensar?

- Quero ser grande, ter glorias,
Quero ter muitas côroas,
Que me assignalem victorias,
E outras tantas coisas boas.

Debalde tenho empregado
Todo o esforço em procurar
O caminho desejado,
Para glorias conquistar.

Depois de tel-o escutado,
Num silencio religioso,
Voltou-se ao mano adorado
E disse, em tom carinhoso:

- Si louros, em tua vida,
Desejas tu merecer,
Ouve o que tua querida
Maninha vai te dizer:

Para ser grande, ser forte,
Trabalhar muito é mistér,
E, há quem se extinga co a morte
Sem chegar ao fim que quer.

Demais, também é preciso
Do principio começar
E, neste ponto é que friso
O meu modo de pensar.

Assim, pois, é pelo estudo
Que um futuro podes ter
Vai á Escola, antes que tudo,
O necessario apprender
(MELLO, 1905, p. 238-240).

Por fim, a irmã de Joãozinho, que não recebe nome no poema, é aquela que tenta fazê-lo perceber que somente através da educação ele poderá conquistar e fazer grandes feitos. A irmã pode ser comparada à própria consciência e razão de Joãozinho. De forma sentimental, ele pensa nas glórias que podia conquistar, no entanto, de forma racional e objetiva a irmã fala que é na escola, antes de mais nada, que ele fará seus primeiros grandes feitos. Era bem comum em discursos da época, deste modo, verificarmos a afirmação de que é na escola que tudo deveria iniciar-se:

Discurso da professora dona Vigília Valle, no dia do encerramento das aulas do grupo escolar de Nazaré.

Sr. Diretor

Colegas:

[...] Cultivai, pois, adoradas crianças, o vosso espírito, com todas as forças do vosso coração; prestai culto ao gênio, oferecendo-lhe o estudo, o trabalho, e as vigílias, que são o tributo que ele aceita mais benigno e que retribui, satisfeito e contente, com a mão larga e verdadeiramente generosa. Não esqueçais o templo e os sacerdotes, que o Grupo Escolar de Nazaré vai oferecer para esse culto, graças ao Exm^o Governador do Estado, Dr. Augusto Montenegro; porque é na escola que vós apurais o sangue mais nobre que vos corre nas veias e vos prepareis convenientemente para os gloriosos combates da civilização (A ESCOLA, 1903, p. 57-59).

Outro poema que chamou a atenção durante o levantamento das fontes foi o intitulado “Anjo Enfermo”, de Afonso Celso Junior⁶, encontrado em uma edição da revista *A Escola* do ano de 1905, sem numeração devido a capa ter se perdido com o tempo.

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enferma, a criancinha,
Que não fala, não anda, e já padece...
Penas assim crueis, por que as merece
Quem mal entrando na existencia vinha?

O melindroso ser, ó filha minha,
Si os céos me ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar podesse,
Gôso me fôra a dôr que te espesinha.

Como te aperta a angustia o fragil peito!
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pae, Deus que é perfeito.

Sim, é pae... mas a crença nol- o ensina:
Se viu morrer Jesus quando homem feito,
Nunca teve uma tilha pequenina.
(CELSO JUNIOR, 1905, p. 360).

⁶ Era natural de Ouro Preto (MG), nascido em 31 de março de 1860; faleceu em 11 de julho 1938 no Rio de Janeiro. Começou a carreira poética com 15 de anos de idade, publicando *Prelúdios*.

O poema “Anjo Enfermo” é aquele tipo de texto que nos faz refletir não só de um ponto de vista educacional, mas também de uma visão geral acerca da saúde no estado do Pará. O autor tentou passar para os leitores a dor de ter um filho, uma criança, doente.

Deve-se entender que, no período inicial da República, o estado do Pará enfrentava um grave problema de enfermidades transmitidas por mosquitos, como o *Aedes aegypti*, que transmitia a febre amarela, doença que matou e afastou muitas crianças das escolas. Logo, a mortalidade infantil passaria a ser uma problemática bastante discutida no período republicano, como aponta Laura Alves (2015, p. 41-45):

Com o raiar da República nos finais do século XIX e início do XX, a mortandade infantil tornou-se um problema mais intensamente discutido, uma vez que a infância foi concebida como o “embrião” do país, o sujeito que necessitava ser “saudável”, “forte” e “robusto” para ser capaz de contribuir para o progresso da Nação, por isso, as crianças, enquanto “as sementes do futuro”, necessitavam ser cuidadas e higienizadas.

A higiene da escola e das crianças também se configurou como uma discussão essencial na vida daquela juventude. Limpeza e cuidados com o corpo se tornariam sinônimos de desenvolvimento saudável das crianças republicanas e, conseqüentemente, o desenvolvimento da pátria brasileira. Crianças com corpo saudável e mente sã representavam também a preocupação com a pátria.

É nesse cenário que surge a preocupação com a infância, que passava a ser considerada importante para o progresso e desenvolvimento do país, ou seja, descobre-se a infância, e a necessidade de se constituir uma sociedade sadia, moral e fisicamente forte, que pudesse dar continuidade aos processos de modernização do Brasil (ARAÚJO, 2014 apud ALVES, 2015, p. 41-42).

Devemos ter em mente que as crianças tinham um papel fundamental na manutenção do regime republicano. Elas seriam responsáveis por difundir o sentimento patriótico que o estado republicano pregava. Eram os pequenos adultos, que desde cedo já teriam grandes responsabilidades com o seu país, como bem aponta Lopes (2018, p. 27-28):

[...] a criança republicana passar a ser vista como a responsável pela manutenção política-ideológica da nação, dito de outra forma, a criança republicana é a base da estrutura política da pátria brasileira e através dela, principalmente, seria difundida a ordem e o progresso do Brasil.

Portanto, esses poemas publicados em livros e revistas seriam fundamentais para alcançar essas crianças, através de leituras e exposições em sala de aula e, também, fora dela. Para prestar este papel, a revista *A Escola* ganhará muita força e se colocará como uma

instituição formadora no meio educacional, tanto das crianças, como também dos professores e professoras, a ponto de Santos (2018, p. 120) afirmar que

[...] a revista *A Escola*, como instituição do Estado, procurou dar forma e desenvolver uma República forte e legítima, portanto, o caráter monumental e dominador que assumia frente ao ensino no Estado identificava esse poder estatal, e bem mais que isso, mostrava o tipo de sociedade que se pretendia formar, logo as publicações via artigos, discursos, orientações, poesias, entre outros escritos veiculados por esse impresso reforçavam o papel da República no ensino no Pará.

As instituições educativas utilizaram uma diversidade de estratégias para desenvolver nas crianças o sentimento patriótico no país. No Pará, por exemplo, os artigos publicados na Revista *A Escola* sobre poemas e hinos contribuíram para a difusão do sentimento patriótico.

A poesia nas festas escolares

Nas escolas, a poesia também se fazia presente em momentos de festas escolares. Era comum na primeira república a elite política e intelectual da época, que se dedicava ao desenvolvimento e bem-estar do Brasil, ser homenageada e muito bem recebida em reuniões, visitas aos órgãos públicos e discursos oficiais de políticos. E um desses homens foi o Barão do Rio Branco, que, quando morreu, recebeu homenagens em todo o país, com vários governantes brasileiros expressando o luto em diferentes estados. No Pará, o 5º grupo escolar iria imortalizar o nome de José da Silva Paranhos Junior, o Barão do Rio Branco. Esses eventos contavam com inúmeras apresentações e, entre elas, as recitações de poemas.

Dessa forma, no dia 10 de março de 1912, às 09h30 da manhã, ocorreu no 5º grupo escolar uma sessão cívica realizada pelo governo do estado do Pará para homenagear o Barão do Rio Branco, tendo como responsável do Dr. José Fléxa Pinto Ribeiro, Secretário de Estado do Interior, Justiça e Instrução Pública.

O evento iniciou com um breve discurso do secretário, seguido de uma apresentação cantada do hino à bandeira, realizada pelas alunas do 5º grupo escolar. Após o canto, Fléxa Ribeiro homenageou o Barão do Rio Branco, convidando as crianças e os jovens a tê-lo como exemplo de patriotismo e fortalecimento da República.

O evento contou com recitações de poesias, que tinham como mensagem o respeito e amor à pátria. Iniciando as recitações, o aluno Donato Pires dos Reis recitou o poema de Olavo Bilac intitulado “A Pátria”, que fazia parte do livro *Poesias infantis*. Esta poesia reflete as simbologias que permeavam a educação na República. Nela, o Brasil é retratado como um lugar

rico em belezas naturais, que produz com eficiência e que abriga a todos com carinho. O poema exalta o amor ao Brasil, e com o verbo “amar” no modo imperativo, com um tom de ordem, direciona justamente às crianças o futuro da República. Abaixo o poema na íntegra:

A PÁTRIA

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!

Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!
(BILAC, 1904, p. 1).

A aluna Elodie Teixeira recitou a poesia de Fernandes Bello, “A Instrução”. Esse poema aborda a dedicação das crianças aos estudos, sendo este o único meio para alcançar novos e grandes patamares. A escola aparece como oficina do saber. Trabalhar era a palavra-chave nesses escritos, reforçando que estudar seria benéfico à criança. O estudo e o trabalho são apresentados como fontes para se chegar a luz: que liberta, que faz as pessoas caminharem na glória. A instrução e a educação são a chave para a libertação da ignorância e da escuridão que o ser humano conserva:

A INSTRUÇÃO

O século é da instrução. O livro, como Roma,
Há de um dia também o mundo conquistar
Olhai. Já no horizonte a fresca luz assoma...
Que esplendido porvir! – Mancebos, trabalhar!

Trabalhar e seguir! – A escola é a oficina,
A grande ebulição, a onde preparais
Com vossa débil mão escultural, franzina,
A matéria sutil das obras imortais.

Não trepideis! – avante! – A senda da ciência
É a estrada escabrosa e ingente do porvir!
O estudo fortalece a luz da consciência
E nos explica a lei fatal do progredir.

Mancebos, trabalhar! – Nesta sublime luta
Jamais deve temer o crente lutador?
Quando Sócrates viu o cálice de cicuta
Viu também sobre a frente o augusto resplendor.

Nas páginas do livro a alma agonizante
Vai em fonte de luz fartar a sede atroz,
- Na fonte da verdade onde beberam Dante,
E Galileu e Cristo, os mártires heróis.

Mancebos, trabalhar! Deixai que em nossos peitos
O direito e o dever, com sua luz ideal,
Façam cair por terra os velhos preconceitos
E as velhas tradições geradas pelo mal.

Deixai que sobre vós, levitas do futuro,
Caia a benção do céu em laminas de luz!
- Nós todos temos sim! Neste viver obscuro
As glórias imortais depois de ter a cruz.
(BELLO, 1904, p. 214).

Foi apresentado durante a cerimônia um retrato do Barão do Rio Branco, por duas alunas do 5º grupo escolar, e a banda da brigada militar começou a entoar o hino nacional. Nos momentos de celebrações, o patriotismo era cada vez mais exaltado, momentos oportunos para elevar o espírito republicano nos presentes. Por fim, a então diretora do 5º grupo escolar, Maria do Amaral, discursou em agradecimento pela instituição ter recebido o nome do Barão do Rio Branco. A cerimônia finalizou com a apresentação do Hino Nacional pelas alunas do 5º grupo escolar, regido por Manoel Paiva. Depois da programação, Fléxa Ribeiro convidou todos os presentes para assistirem à inauguração da lápide comemorativa, que se encontra até hoje na Escola Barão do Rio Branco.

Alfredo Bosi (1977, p. 111) afirma que “a atividade poética busca uma intensa relação com o ‘mundo-da-vida’”. Essa relação se dá principalmente a partir da forma que o poeta expressa, ou seja, dá vida às palavras de acordo com o que ele vive. No caso da poesia na primeira república, esperava-se que as crianças também vivenciassem as mesmas aspirações do poeta. Neste momento da história, a poesia desempenha um papel muito mais instrutivo e moldador de caráter do que necessariamente ser um texto reflexivo, sendo um instrumento muito utilizado para difundir o patriotismo entre as crianças nas escolas.

Os hinos escolares

Os hinos escolares foram outra forma de aproximar a escola e, conseqüentemente, as crianças do sentimento patriótico e de exaltação à pátria brasileira. Esse sentimento de amor pela pátria deveria se efetivar através do amor pelo estudo, pois era com o pequeno cidadão republicano bem formado na moral e civilidade que a pátria se desenvolveria. Santos (2018, p. 129) destaca que

[...] o ensino cívico disseminado pel[os] [...] hinos escolares, ressaltando que essas composições se estabeleceram no ensino primário paraense como um ornato perfeito para as celebrações cívicas das escolas, além de se agregarem aos conteúdos das leituras diárias desses alunos, compondo assim o rol curricular da proposta de educação republicana que se utilizou de diversos artifícios para pôr em prática seus ideais.

O primeiro hino que trazemos para análise é de Raymundo Bertoldo Nunes⁷, intitulado “A Marselheza do Estudo”. O título faz referência ao hino nacional francês intitulado *La Marseillaise*⁸, que foi composto pelo oficial Claude Joseph Rouget de Lisle, ficando muito conhecido durante a Revolução Francesa. Neste canto, o autor trabalha com a união de palavras como luta, estudo, respeito e civismo, procurando incutir nos jovens republicanos o sentimento de dever e luta pela árdua busca da educação, assim como os franceses lutaram durante a revolução. Eis o hino na íntegra:

A MARSELHEZA DO ESTUDO
(Versos de Raymundo Bertoldo Nunes – Música do Maestro Bernardi)

Côro

Eia, jovens! Á luta! Á conquista
Do direito, da luz, da razão!
Alarguemos contentes a vista
Do futuro na vasta amplidão

Solo

Sério estudo, união e respeito
Formam nobre e sublime trindade
Realçada por esta divisa:
- lei, civismo, constância, igualdade!

Eia, jovens, etc.

⁷ Era educador e sempre lutou pelo ensino primário em Vigia; foi um dos fundadores da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Na esfera educacional, sua contribuição foi a ideia de a educação ser promovida pela implantação de uma Escola Primária e de um Externato (estabelecimento de ensino somente com alunos externos, ou seja, que não residem no mesmo), para levar instrução gratuita à população desprivilegiada. Disponível em: <https://www.culturavigilenga.com/copia-biografias>. Acesso em: 06 nov. 2019.

⁸ A Marselhesa.

- Estudar, estudar com afinco –
Do Cruzeiro eis a senha, eis o grito.
O que já conquistamos é muito,
O que resta saber... infinito.

Eia, jovens, etc.
Prossigamos, portanto, na luta,
A cantar, a estudar, a sorrir!
E cobertos de louros e bençãos,
Chegaremos com gloria ao porvir.

Eia, jovens, etc.
(NUNES, 1904, p. 54).

Podemos perceber que os hinos traziam fortemente, mesmo que diluídos, o que Nunes (1904) chamou de “nobre e sublime trindade”. O estudo, a união (característica do patriotismo) e o respeito (mesmo que imposto) eram fundamentais para a constituição desse sujeito. Era importante esse reforço tanto nos monumentos e nomes de ruas, como dentro das escolas, através de vários mecanismos, como os hinos. Nunca desassociado disso, o autor mostra com este hino claramente que “lei, civismo” e o estudo deviam andar lado a lado impreterivelmente, pois, como afirmam Costa e Menezes Neto (2016, p. 74), “tornou-se importante a divulgação dos ideais e valores republicanos nas escolas primárias a fim de formar cidadãos úteis à pátria”.

Outro hino escolar é de Guilherme de Miranda⁹, que tem como título “Hymno ao Estudo”:

HYMNO AO ESTUDO

Nas batalhas serenas do estudo
Seja o nosso phanal... a victoria;
Nossos livros que sirvam de escudo
Nas conquistas supremas da Glória.

Como os astros que brilham na calma
D’estes límpidos céus do Equador,
Brilhe sempre vivaz, em noss’alma,
Da instrução esse intérmio amor.

Guerra eterna façamos á treva,
Surja a luz que nos guie a vencel-a...
Da ignorância a bandeira se eleva
Nós seremos heróis pra abatel-a.

Piedade em noss’alma não more
Se a bandeira rasgarmos cruéis;
Nossa frente serena se enflora
Dos mais bellos e eternos laureis.
(MIRANDA, 1904, p. 85).

⁹ Não foram encontrados dados sobre autor.

As pesquisas têm mostrado que nossos antepassados republicanos tinham um apreço por comparar os alunos, o estudo e a escola a soldados em um campo de batalha, onde as armas e as defesas eram representadas pelos livros, materiais escolares e o próprio conhecimento. O Brasil enquanto país republicano sempre exaltou os seus “heróis” nacionais, desde grandes generais até políticos e diplomatas que tiveram papéis importantes nas conquistas políticas e territoriais do país. Era bastante comum esses “heróis” serem homenageados em monumentos republicanos, em nomes de ruas (como já mencionado acima), em eventos (pela cidade e os escolares), nos poemas e hinos.

Percebe-se assim que os poetas, compositores, escritores e outros artistas que contribuíam ou estavam diretamente ligados à educação queriam dar um pouco desse gosto do “herói patriota” para pessoas comuns da sociedade, então, por que não fazer isso com as crianças? Desde cedo as crianças teriam contato com esses atos de “heroísmo” e, assim, comparar a educação a uma batalha “heroica” fazia bastante sentido, quando entendemos ser uma estratégia daquela época, como reforça Gomes (2009, p. 12):

[...] o fato da glória e do heroísmo não existirem apenas nos eventos e homens extraordinários, mas também nos ordinários, no cotidiano das pessoas comuns. Seria então importante ensinar às novas gerações que a pátria também se faz com muitos heróis anônimos, que trabalham se esforçam e participam da construção de uma nacionalidade, devendo lembrados e cultuados.

O intuito, em grande parte, dos hinos escolares, era comparar o estudo ao trabalho. Por isso, eram comuns palavras de ordem, como a do “Hymno escolar”, escrito por Theodoro Rodrigues¹⁰. Podemos notar a utilização das palavras “avante” e “trabalhar” em tom de ordem, como se as crianças fossem soldados do poderoso exército que era a escola primária. E com isso, as crianças eram submetidas a aceitar o árduo “trabalho” de estudar e, para além disso, a missão de fazer da instrução pública paraense um exemplo para todo o país:

As palavras de ordem como “avante” e “marchamos”, anunciavam e convocavam todos para a marcha, rumo a um país forte, a uma nação honrada. O entusiasmo ufanista da marcha melódica que o hino soava adentravam aos ouvidos das crianças do ensino paraense, como refrigerio que nutria seus corações. Contudo, esse tipo de produção literária uniformizava o sujeito, isto é, os padronizava em seus anseios, convicções e escolhas, arrisco aqui em dizer que, de certa forma, essas crianças não tinham escolhas, o “encanto” republicano se colocava como única opção para suas vidas (SANTOS, 2018, p. 133-134, grifo nosso).

¹⁰ Theodoro era de Vigia, no Pará. Nasceu em 1874 e morreu em 1912. Passou a vida no Amazonas, estado em que teve grande vivência profissional e literária.

O “Hymno escolar” de Theodoro Rodrigues era um desses hinos, que convocava os pequenos republicanos para a luta pela instrução, para o desenvolvimento da educação paraense, da moral e da civilidade do povo paraense e brasileiro:

HYMNO ESCOLAR

Como a flor que recebe do orvalho
Toda a seiva da vida que tem,
Largos haustos de luz no trabalho,
Nossas almas recebem também.

Côro

Trabalhar! Avante! Avante!
Que o livro á gloria conduz!
Rompa o combate incessante
Pela conquista da luz.

Nas estrelas que tem o alfabeto,
Nos exemplos que os livros nos dão,
Encontramos o sol predilecto,
Que ilumina atravez da licção.

Côro

Trabalhar! Avante! Avante!
Que o livro á gloria conduz!
Rompa o combate incessante
Pela conquista da luz.

Saberemos vencer. Para tanto,
Nossas armas são grandes demais!
Contra o erro o combate é tão santo
E as victorias do livro immortaes!

Côro

Trabalhar! Avante! Avante!
Que o livro á gloria conduz!
Rompa o combate incessante
Pela conquista da luz.

(RODRIGUES, 1905, p. 363).

Neste hino, é possível observarmos a comparação da instrução com as ações da natureza, ou seja, tão bela e formosa como a seiva que dá vida às flores é a instrução, que dá vida às crianças. Assim como o sol ilumina a terra, a instrução iluminaria a mente das crianças, através das lições e dos livros. Veja que a instrução no período republicano era vista como a única capaz de tirar as crianças da obscuridade que era a ignorância, conquistando a luz das ciências através do trabalho e de muita dedicação aos estudos. Nesse sentido,

[...] a responsabilidade para obtenção de um país culto, moderno, científico, forte e grandioso não somente em povos, mas em estruturas territoriais, econômicas e agrícolas, recaía sobre o pequeno ser, a criança, o cidadão que

ali estava sendo gestacionado, moldado mediante ideais claros e precisos do projeto republicano. À criança se exigia o compromisso cívico e pátrio, era o seu dever seguir o que lhe era posto, não existia outro caminho a ser seguido, do contrário, estaria esse pequeno ser fadado ao fracasso e insucesso social (SANTOS, 2018, p. 133).

Na mesma intenção dos hinos escolares criados por diversos autores e compositores daquela época, as instituições de ensino também passariam a ter seus próprios hinos, representando aquela instituição em momentos de festividades escolares. Era o caso do “Hymno do grupo Escolar José Verissimo”, escrito por Antonio de Macedo¹¹:

HYMNO DO GRUPO ESCOLAR JOSÉ VERISSIMO

Sorridentes, felizes crianças,
Vimos todas beber instrução
Neste grupo que aninha Esperanças
Na cultura da nossa razão.

Côro

Nossa patria, que é mãe extremosa,
De seus filhos confia no amor.
Para ser no povir venturosa,
Sem temer inimigo furor.

Companheiros, o estudo é Jordão
Que nossa alma redime e ennobrece!
Quem desdenha de tal redempção
Nas batalhas da vida esmorece.

Côro

Nossa patria etc.

Nossos livros irão nos motrando
Plagas onde é eterna a manhã,
Qual calumna de fogo guinando
Os hebreus á feliz Chanaan.

Côro

Nossa patria etc.

Sob a sombra fecunda da Paz
Há de então o Brasil progredir,
- Estas terra que a todos apraz
Ver feliz, elevar-se e subir.
(MACEDO, 1905, p. 250).

Esse hino de Antonio Macedo mostra uma criança feliz por estar estudando e recebendo a instrução, neste caso, no grupo escolar José Verissimo. Notemos algo que parece corriqueiro, tanto em hinos quanto em poesias: a adoração ao livro. O livro seria um instrumento

¹¹ Não foram encontrados dados sobre o autor.

considerado eficaz para o ensinamento das crianças na primeira república, e por este motivo o governo não media esforços para trazer e produzir bons livros.

O governo paraense também passou a investir na educação moderna, enviando especialistas da área da educação para viagens a países europeus, com o intuito de apreender o que de mais moderno e eficiente havia nos ramos da educação estrangeira e, assim, garantir a eficácia de suas metodologias educacionais, como podemos observar na mensagem a seguir, escrita por Augusto Olympio de Araujo e Souza, secretário do governo:

Secretaria do Estado do Pará – Belém, 4 de julho de 1900 – Sr. Dr. Chefe de segurança.

Comunico-vos, para os devidos fins, que Sr. Dr. Governador do Estado, resolveu comissionar o Dr. Paulino d’Almeida Britto, durante 6 meses, para ir à Europa estudar assuntos relativos a instrução primária e iniciar a publicação de uma série de livros elementares com que deseja metodizar o ensino entre nós, devendo durante aquele tempo ser-lhe abonado o ordenado de cargo de secretário desse estabelecimento e ficar a respectiva gratificação em favor de seu substituto – Saúde e fraternidade (PARÁ, 1900, p. 04).

O governador buscava a modernização da educação através da produção de livros mais qualificados, incluindo os livros de poesias e os conteúdos que compunham a revista *A Escola*, além de professores capacitados, materiais escolares de qualidade e um currículo que satisfizesse o pensamento republicano, ao menos, em teoria.

Fazendo parte do aspecto formativo da escola, as comemorações, as festas, as homenagens, os desfiles e espetáculos, o hasteamento da bandeira, a entoação do hino nacional [e hinos escolares], a visita a túmulos, o torneio de boas ações, entre outros, eram rituais que visavam a instituir uma memória coletiva da República. Demonstravam quem e como devia ser lembrado e quem e o que deveria ser negligenciado e esquecido. Nesse contexto, a escola estaria participando na criação de uma tradição coletiva (ROSSI, 2017, p. 167).

Dessa forma, estabelecia-se o que Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9) chamam de “tradições inventadas”, que no caso da primeira república, consistiam em rituais que tinham por objetivo orientar a formação da criança com os valores e preceitos do governo republicano através de comportamentos repetitivos, que se fincassem no intelecto dos pequenos republicanos. E o canto dos hinos seriam um desses rituais, que se perpetuariam nas escolas por longos anos.

Considerações finais

O conteúdo temático dos poemas no período da primeira república dava destaque ao civismo, patriotismo e à instrução do corpo e da mente. Esse destaque era uma forma de moldar a criança através da arte da leitura na sala de aula. As letras apresentavam instruções de como a criança deveria comportar-se em sala de aula e no cotidiano externo à escola, pois com bons modos e civilidade ela cresceria de forma adequada para ser um bom cidadão republicano.

O poema e a poesia passaram a ser veiculados com frequência nas revistas, principalmente na revista *A Escola*, que era de caráter obrigatório para os professores. Logo, os poemas passaram a fazer parte não só do cotidiano escolar, mas também do cotidiano social, fora da escola, na família, com os amigos, nas festividades, contribuindo para a construção, através deste gênero literário, do futuro do Brasil: as crianças.

Logo, percebemos que os poemas e as poesias se configuraram, na primeira república brasileira, um instrumento de poder político, que passou a ser amplamente difundido em revistas, como *A Escola*, em livros, como *Poesias Infantis*, e em festas escolares, com o intuito de levar ideais patrióticos muito fortes naquele período.

Não muito diferente dos poemas, os hinos escolares acompanharam o processo de inculcação dos sentimentos patrióticos da primeira república. Normalmente cantados em festas escolares, eles traziam, para além da letra, melodia que envolveria todos os presentes e que acabaria por assujeitar esses atores sociais a partir de tais discursos, ou como diria Althusser (2001), *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

A criação de hinos escolares passava a ser uma marca das instituições paraenses, que com seus hinos próprios homenageavam o Brasil, o Pará e todos os que contribuíram para a formação da pátria, além de fortalecerem através da música a missão que lhes foi dada: trazer as crianças para o patriotismo e para o desenvolvimento da instrução pública.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA: **revista oficial do ensino**. Belém: Imprensa Oficial, n. 34, jan. 1903.

A ESCOLA: **revista oficial de ensino**. Belém: Imprensa Oficial, n. 47, v. VIII, fev. 1904.

ALVES, L. M. S. A. A política de caridade, assistência, e proteção à infância desvalida em Belém do Pará. **Revista Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 34-64, ago./dez., 2015. Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/download/P.2318-7344.2015v3n6p34/10169. Acesso em: 01 jan. 2019.

BELLO, F. A Instrução. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 4, n. 48, p. 214, mar. 1904. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-4-n-48-1904/>. Acesso em: 10 out. 2021.

BILAC, O. **Poesias infantis**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Francisco Alves, 1904.

BOSI, A. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix LTDA, 1977.

CELSO JUNIOR, A. Anjo enfermo. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 5, n. 60, p. 360, jan. 1905. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-5-n-60-1905/>. Acesso em: 05 out. 2021.

COELHO, M. O. Livros escolares: portadores de formação do sentimento nacional. *In*: ARAÚJO, S. M. S.; FRANÇA, M. P. S. G. S. A.; ALVES, L. M. S. A. (org.). **Educação e instrução pública no Pará imperial e republicano**. Belém: EDUEPA, 2015. p. 195-216.

COSTA, M. B. C.; MENEZES NETO, G. M. Livros escolares e provas de “portuguez”: formação civilizadora na instrução pública do Pará (1898-1912). **Revista Latino-Americana de História**, v. 5, n. 15, p. 69-90, jul. 2016. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/download/722/664>. Acesso em: 3 set. 2020.

FEITOSA, J. A. **A Educação no Pará**: documentário. Belém, PA: Secretária de Estado e Educação, 1987.

GOMES, A. C. República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2009. 12p. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_7a9c0f9f89c6fd79a0acc00fe84ed64.pdf. Acesso em: 3 set. 2020.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Pensamento Crítico; v. 55.

LOPES, M. A. da S. **Vitrine da república**: a educação de crianças no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco” em Belém-PA (1900-1912). 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

MACEDO, A. Hymno do grupo Escolar José Verissimo. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 5, n. 58, p. 250, jan. 1905. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-5-n-58-1905/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MCLAREN, P. **Rituais na Escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MELLO, O. Bons Conselhos. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 5, n. 58, p. 238-240, jan. 1905. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-5-n-58-1905/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

MIRANDA, G. Hymno ao Estudo. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 4, n. 56, p. 85, nov. 1904. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-4-n-56-1904/>. Acesso em: 27 maio 2020

NUNES, R. B. A Marselheza do Estudo. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 4, n. 56, p. 54, nov. 1904. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-4-n-56-1904/>. Acesso em: 27 maio 2020.

PARÁ. **Diário oficial do Estado do Pará**. Ano X – 12., n. 2669, Belém, 04 de julho de 1900.

PEIXOTO, S. A. O parnasianismo no Brasil: variações sobre um mesmo tema. **O eixo e a roda**: v. 19, n. 2, p. 107-117, 2010. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/3355/3285. Acesso em: 19 dez. 2018.

RODRIGUES, T. Hymno Escolar. **A Escola Revista Oficial de Ensino**, Belém, v. 5, n. 60, p. 363, jan. 1905. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/a-escola-revista-oficial-de-ensino-v-5-n-60-1905/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ROSSI, E. R. A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929). **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, n. 45, p. 159-171, maio/ago. 2017. Disponível em: www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-studos/article/download/1048/pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

SANTOS, D. S. M. **A arte de civilizar**: a educação cívico patriótica na revista A Escola e na Revista do Ensino no Pará republicano (1900-1912). 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2018.

SOUZA, R. A. **História da Literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações Editora. 2014.

SOUZA, R. F. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, D. *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 101-141.

Como referenciar este artigo

LOPES, M. A. S.; FRANÇA, M. P. S. G. S. A. Os poemas e os hinos escolares no ensino primário Paraense: Difundindo o sentimento republicano (1904-1905). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1402-1425, abr./jun. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.15824>

Submetido em: 08/11/2021

Revisões requeridas em: 25/12/2021

Aprovado em: 10/02/2022

Publicado em: 01/04/2022